

## Editorial

Vitor B. Sartori<sup>1</sup>

A presente edição da *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas* traz, além dos habituais textos de fluxo contínuo, um dossiê sobre os 200 anos do nascimento de Friedrich Engels. Trata-se de uma ocasião em que não somente se rendem elogios a este importante autor, mas também se tem a possibilidade de reflexão crítica sobre sua obra, o marxismo e a própria realidade social.

Dentre as diversas posições defendidas nos artigos sobre o autor do *Anti-Düring*, há certa ênfase ao fato de se tratar do primeiro divulgador da obra de Marx. E, com isto, pode-se dizer que os marxistas são todos, mesmo que indiretamente, herdeiros de Engels. Assim, o presente número da *Verinotio* pretende auxiliar, mesmo que minimamente, no debate que pode dar ensejo à mencionada reflexão crítica – e autocrítica.

Há, portanto, alguns pontos a serem levantados. Há de se dizer que, depois da morte de Marx, as dificuldades engelsianas não foram poucas. Primeiramente, quer se queira, quer não, ele foi um pensador de estatura menor que seu grande amigo. Somado a isto, tem-se o fato de explicitamente ele ter buscado divulgar, e popularizar, posições que não foram só suas e que foram desenvolvidas pelo autor de *O capital*. Deve-se destacar também a necessidade que teve o autor do *Anti-Düring* – e todo aquele comprometido com as lutas de uma época – de compreender a complexa tessitura da realidade, e isto sem o auxílio direto de seu grande amigo, que morreu em 1883. Ou seja, em Engels, e na própria tradição marxista, havia tarefas bastante díspares e que, embora correlacionadas, imediatamente pareciam opor-se. Os artigos do presente número abordam estes aspectos de um modo ou doutro: trazem elementos decisivos do debate em torno da obra de Friedrich Engels e das consequências das leituras dele e dos marxistas que o seguiram.

Isto é importante porque a grandiosidade do marxismo, em parte considerável, decorre da correlação existente entre as tarefas mencionadas, ligadas a aspectos da formação de alguns pontos centrais para a crítica à sociedade capitalista: ao rigor de uma tradição intelectual, à formação de uma consciência comunista de massa e à análise apurada do processo de desenvolvimento, bem como das contradições e das oposições, que marcam a realidade social de uma época. Engels, de certo modo, precisou ser

---

<sup>1</sup> Doutor pela Universidade de São Paulo (USP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Autor de *Ontologia nos extremos: o embate Heidegger e Lukács, uma introdução* (Intermeios, 2019). Coeditor da *Verinotio*. E-mail: vitorbsartori@gmail.com.

“marxólogo”, ativista político socialista e alguém que, a partir do conhecimento acumulado e do modo científico de proceder diante da realidade, procurou apreender as determinações desta última. E o fez tanto ao procurar explicitar as dimensões mais universais da realidade efetiva de uma época quanto no que diz respeito à especificidade de cada formação social em cada momento do desenvolvimento histórico do sistema econômico capitalista e de um povo.

Se teve o mesmo sucesso que Marx nesta última empreitada não cabe levantar aqui, mas os debates trazidos nos artigos do presente dossiê adentram, de um modo ou doutro, neste importante problema. O essencial aqui é destacar que, consciente da determinação social do pensamento, bem como da função concreta que este exerce na realidade como ideologia, a tradição marxista, seguindo Engels, buscou uma correlação entre a crítica da situação presente e a necessária superação da sociabilidade burguesa.

O marxismo, assim, parecia ter por vocação se tornar uma força material. E, para tanto, precisaria manter sua capacidade analítica, seu rigor e exercer uma função social por meio da correlação entre os intelectuais e as massas. Estas últimas, estando educadas naquilo que de melhor haveria no pensamento ocidental, poderiam criticar as bases do modo presente pelo qual a civilização explicita-se contraditoriamente: o modo de produção capitalista. Uma consciência comunista de massa seria, pois, de grande relevo.

Nos 200 anos do nascimento de Engels, porém, sabemos que a história – embora marcada por episódios importantes, em que a unidade destas tarefas se manifestou de modo mais ou menos meandrado – mostrou que as dificuldades que Engels enfrentou foram muito maiores para seus herdeiros no século XX. É preciso que se diga, sobre os anos que se passaram depois da morte de nosso autor: se o centenário de Friedrich Engels foi marcado pelas possibilidades trazidas à tona pela Revolução Russa, dificilmente achamos algum intelectual no século XX que tenha realizado tais tarefas de modo pleno. E, desde o início, o marxismo precisou lidar com as dificuldades já encontradas por Engels. Mesmo V. I. Lênin, se comparado a Engels, tinha uma formação filosófica problemática. Um autor como György Lukács nem sempre pôde se colocar diante das situações concretas da melhor maneira, e com uma análise cuidadosa e materialista da situação concreta (basta pensar no messianismo e na associação entre Weber, Hegel e Marx, de *História e consciência de classe*); o mesmo vale, ainda que de modo mediado, para alguém como E. Bloch; Rosa Luxemburgo, grande leitora da economia política e grande política comunista, foi brutalmente assassinada; A. Gramsci ficou preso durante seu ápice intelectual e morreu em decorrência de seu tempo na prisão. Karl Korsch distanciou-se intencionalmente da práxis do movimento comunista. N. Bukhárin, embora pudesse possuir méritos em certos aspectos de suas teorias, era claramente dogmático em temas como o do desenvolvimento das forças produtivas (vale destacar que tanto Gramsci quanto Lukács o atacaram com

bastante vigor sobre o assunto). Ou seja, a difícil unidade do pensamento e da prática engelsiana – e marxista – apareceu nos maiores expoentes do marxismo do início do século XX de modo trágico e, é claro, correlacionado à situação histórica da época, marcada por grandes potencialidades e por uma violenta reação. Esta última foi vigorosa, com o exército branco invadindo a Rússia revolucionária e, depois, tornou-se efetiva no fascismo, no nazismo e em outras formas ideológicas irracionais, regressivas e afeitas ao ser-propriadamente-assim do capitalismo. E quase não é preciso dizer que, diante da ameaça fascista, os desafios que já se haviam colocado a Engels reapareceram de modo fortíssimo. Mostraram-se, também de forma extremamente complicada na hegemonia do stalinismo no movimento comunista.

O taticismo stalinista foi incapaz de articular estas tarefas de modo minimamente coerente: sua leitura de Marx era escolástica, sendo este autor substituído por textos stalinistas de um simplismo atroz; o debate com os clássicos do marxismo e o desenvolvimento de uma tradição crítica também ficaram, na melhor das hipóteses, estancados. A análise de realidade era feita de modo tosco, por meio das formulações dogmáticas da III Internacional. E, assim, mesmo que a existência da União Soviética possa ter sido um potente incentivo àqueles que lutaram contra o nazifascismo, o stalinismo foi um entrave ao desenvolvimento socialista e à realização da unidade colocada entre as tarefas que apareceram pela primeira vez já na prática e na teoria de Friedrich Engels.

Voltemos, porém, aos grandes expoentes do marxismo do começo do século XX: todos, de certo modo, buscaram incansavelmente tal unidade, mas ela estava condicionada, como não poderia deixar de ser, pela própria realidade. E esta última foi marcada pelos rumos da Revolução Russa e pela crescente subordinação do movimento comunista aos caminhos teóricos e práticos desta, que, também em sua grandiosidade, acabou em parte considerável por eclipsar aspectos da especificidade nacional de cada formação social que estudavam ou em que atuavam os marxistas. A importância desta Revolução, assim, trouxe um aspecto dúplice: mostrou que seria possível a formação de uma consciência comunista de massa e explicitou a possibilidade de as formas econômicas capitalistas serem ultrapassadas; porém, também fez que o mundo todo tivesse um olhar um tanto quanto “russo” para o socialismo e para o marxismo.

E, se é verdade que mesmo Marx já havia se voltado para a Rússia, isso havia ocorrido com a preocupação de destacar a diferença específica entre as distintas formas de entificação do capitalismo e, por conseguinte, as distintas vias revolucionárias. Observe-se que o que ocorreu na época foi, de certo modo, o oposto disso. O que não deixou de ser desastroso.

Para que nos aproximemos da realidade brasileira, podemos dizer que, à época da Revolução Russa, tanto o marxismo disponível em países não

européus quanto a apreensão da particularidade destes países foram bastante débeis. E isto não decorreu necessariamente da obra de Marx e de Engels – supostamente europeus privilegiados, que, hoje, precisariam passar por uma crítica “decolonial” –, que trataram da Rússia, da China, da Índia, da miséria alemã, da diferença entre o desenvolvimento americano e o francês, dentre outros pontos. No século XX, em meio ao centenário de Engels, em grande parte, a tarefa de divulgar a obra de Marx se deu sem acesso a textos importantes deste autor, que somente depois seriam publicados. A popularização da posição marxiana passou também pela ação de propaganda da II Internacional, cuja interpretação foi marcada fortemente por uma concepção mecanicista, economicista e evolucionista. Depois, veio o esquematismo e o dogmatismo da III Internacional. Ou seja, salvo raríssimas exceções, como Lênin, Gramsci e, em parte, Rosa Luxemburgo, a apreensão da peculiaridade das formações sociais foi simplesmente ignorada. Os “marxistas” dos países não europeus também demoraram a se desenvolver de modo minimamente aceitável e com o mínimo de conhecimento sobre a obra de Marx, sobre o marxismo e, também, sobre aspectos decisivos da crítica ao modo pelo qual a entificação do capitalismo se deu em seus países.

Assim, quer se queira, quer não, quando se toma por referência o movimento socialista, o centenário do pensamento de Engels foi marcado pela atuação, sobretudo, de intelectuais europeus. Em conjunto, parte destes grandes pensadores contribuiu enormemente para o movimento, inclusive, compreendendo a realidade social de seus países com cuidado e buscando – e, por vezes, conseguindo – orientar os distintos movimentos revolucionários dos trabalhadores. No contexto, podemos dizer que a Revolução Russa, e suas dificuldades iniciais, marcaram o centenário de Friedrich Engels. Uma parte dos marxistas lidou com as dificuldades já enfrentadas por Engels, outra – que triunfaria com o stalinismo, posteriormente – parecia não se dar conta sequer dos reais problemas colocados teórica, prática e efetivamente. Assim, infelizmente, também podemos pontuar que, tanto pelas razões teóricas que apontamos acima (e por outras mais graves – basta pensar no gradual triunfo do stalinismo em parte substancial do movimento comunista) quanto por razões práticas, como o grau de desenvolvimento das forças produtivas de um país como a Rússia, que se viu de repente isolado, uma tragédia veio a desenvolver-se. Os rumos do marxismo posterior à morte de Engels (em 1895) trouxeram grandes dificuldades que foram combatidas de modo hercúleo, mas que, com o desenvolvimento do século XX, não foram superadas nem mesmo nos melhores casos.

Não que não tenham existido grandes vitórias da classe trabalhadora. Hoje, porém, vemos que o socialismo de moldes soviéticos sofreu uma derrota irreversível. Talvez seja possível dizer que ela não era inevitável; porém, com as tarefas do marxismo subordinadas a “intelectuais” stalinistas que mais se

assemelhavam a burocratas, dificilmente tal unidade almejada por Engels e pelos grandes marxistas poderia ter sido bem-sucedida. Neste sentido específico, não se pode deixar de dizer que não houve o que comemorar nos 100 anos da Revolução Russa, em 2017. As potencialidades desta Revolução foram muitas, mas parte de sua herança ligou-se inelutavelmente ao stalinismo, que, mesmo que possa ser explicado, na época, pelas condições materiais da União Soviética, foi um entrave ao movimento socialista. Tal tradição certamente, para dizer o mínimo, é uma degeneração e uma falsificação de uma posição crítica e revolucionária.

O evento que marca o centenário de Friedrich Engels, e o marxismo que daí decorreu, teve, portanto, um rumo trágico, assim como foi trágico o destino dos grandes intelectuais socialistas do início do século XX. Lukács, por exemplo, precisou render homenagens, mesmo que protocolares, ao stalinismo, que tanto criticou. Permaneceu, de um modo ou doutro, limitado pela realidade de sua época e pelas suas esperanças na reforma do sistema soviético. O marxista húngaro permaneceu isolado e parte substancial de seus textos de intervenção só foi publicada muitos anos depois de escritos. Lênin morreu cedo, Trotsky foi assassinado a mando de Stálin, Rosa foi assassinada e Gramsci apodreceu na prisão... Ou seja, mesmo sabendo da unidade das tarefas que mencionamos, tais intelectuais foram levados pelos rumos do conturbado século XX, no qual ocorreu, na melhor das hipóteses, o isolamento e o silenciamento de uma das maiores vozes daquele período. O que nos leva a uma preocupação sobre o presente: ao analisarmos o pensamento de Engels, bem como as questões que se colocam a partir dele no século que nos antecede, as quais marcam os rumos dos intelectuais que mencionamos, podemos dizer que a farsa vem depois da tragédia? Seria o bicentenário de Engels a reedição farsesca de seu centenário?

Esta talvez seja uma importante questão a ser respondida no bicentenário deste autor. Duzentos anos depois de seu nascimento e um pouco mais de 100 anos depois da Revolução Russa estamos em uma situação, para dizer o mínimo, nada boa para os marxistas.

Os herdeiros diretos dos grandes pensadores do início do século XX, em grande parte, morreram ou não tiveram envergadura suficiente. Deste modo, há, na melhor das hipóteses, lukacsianos, leninistas, gramscianos, luxemburguistas, trotskistas etc. Mas a gigantesca capacidade analítica dos mestres não está presente nos discípulos. Estes, não raro, utilizam somente uma espécie de jargão que supostamente estaria presente naqueles em que embasam sua teoria e sua prática. Ou seja, as tarefas que Engels colocava a si mesmo e aos marxistas passam longe de serem cumpridas de modo satisfatório. Adicionam-se, ainda no campo marxista, althusserianos, discípulos da teoria crítica (de Adorno, Horkheimer, Marcuse, Benjamin, entre outros) e tantas linhagens afins – importantes em diversos aspectos – que,

geralmente organizadas em torno da vida universitária (embora não só), correm constantemente o risco de se tornarem seitas.

Ainda seria possível dizer que há alguma força de maoístas – embora raros – e de stalinistas, mais presentes em certa militância socialista que é saudosa das virtudes, mas, sobretudo, dos vícios do movimento socialista do século XX. Poderíamos ainda destacar inúmeras vertentes de marxistas. E, assim, no bicentenário de Engels, aparentemente haveria debates pungentes entre aqueles que, a partir de Marx, e na esteira do pensamento engelsiano, buscam criticar o sistema capitalista de produção. Se esta pungência se colocasse crítica e efetivamente, e se tivesse uma função prática decisiva no movimento dos trabalhadores, estaria longe o desfecho não mais trágico, mas cômico e farsesco para os intelectuais marxistas envolvidos nas lutas anticapitalistas e na alternativa à sociabilidade burguesa. Trata-se de um grande “se”.

Infelizmente, a capilaridade de tais marxismos no movimento dos trabalhadores é muito fraca. Aliás, o próprio movimento dos trabalhadores está em uma crise séria, que precisa ser entendida. E, assim, se as potencialidades da Revolução Russa marcaram o centenário de Friedrich Engels, mudanças substantivas na forma pela qual se desenvolveram as forças produtivas, na organização das relações de produção e no modo pelo qual se toma consciência destas marcam o bicentenário do autor. Neste contexto, uma tarefa essencial aos marxistas seria – tal qual fez Engels em sua época, ao analisar o caráter ultrapassado das lutas de barricadas e ao trazer à tona as mudanças na economia capitalista, advindas dos monopólios e das empresas por ações – considerar com muito cuidado as determinações contemporâneas do modo de produção capitalista.

Engels, também pautado pela organização do livro III de *O capital*, em que tais temas já apareciam, partiu de Marx, mas pretendeu ir além, compreendendo a sua época com todo o cuidado possível. Talvez isto seja necessário ao marxismo hoje. E, se é verdade que as dificuldades que o autor do *Anti-Düring* encontrou foram muitas e que nem sempre sua análise de realidade esteve plenamente correta, igualmente verdadeiro é que nosso autor sabia que não bastava repetir aquilo que Marx havia dito. Ele também tinha consciência de não se podia em hipótese alguma trazer respostas que mobilizariam os trabalhadores imediatamente, mas que não correspondiam à verdade da situação concreta. Hoje, por outro lado, não podemos deixar de notar: a posição dos muitos marxismos que se colocam no mercado das ideias (e das redes sociais...) é muito distinta daquela de Engels.

Isto, é claro, deve-se à menor envergadura dos intelectuais contemporâneos, via de regra, escravizados pela divisão do trabalho de modo muito mais claro e brutal que seus antepassados do século XX. Há também as dificuldades naturais da conjugação de rigor analítico na leitura dos clássicos

(ou seja, não mais só de Marx, mas de Engels e Lênin, entre outros), da tentativa de avançar em teorizações marxistas e da análise de realidade. Isto é, não se trata de fatores simplesmente ligados à subjetividade e à vontade individuais. Antes, as determinações de uma época marcada pela derrota do movimento socialista do século XX (e, mais recentemente, por retrocessos gritantes no que diz respeito à organização das relações de trabalho) deixa suas marcas.

Dessa forma, nosso (coloco-me, é claro, dentre aqueles que estão marcados pelas limitações levantadas acima) marxismo tem dias muito difíceis pela frente. Para que não seja uma simples expressão cômica e farsesca daquilo que já foi, precisa avançar muito, sendo que suas bases não são as melhores: no que diz respeito à compreensão dos clássicos, parecemos oscilar entre a exegese escolástica e as hermenêuticas da imputação, que procuram “atualidade” em Marx e nos clássicos do marxismo mesmo que seja preciso deformá-los. Na tarefa de divulgação e popularização, não há uma imprensa socialista e as grandes editoras – como é de sua natureza – precisam ter por norte o cálculo comercial. Com isto, a popularização de Marx e do marxismo corre o risco de se alastrar nos rincões das redes sociais, em que, de repente, o intelectual marxista é forçado a se tornar uma espécie de “influencer”. Sem a base teórica adequada, e com disputas – não raro, bizantinas – entre os vários “ismos” do marxismo atual, a análise de realidade é usualmente rasa, esquemática e extremamente voluntarista.

Nossa envergadura, certamente, não é semelhante à dos nossos antepassados; porém, a ausência de autocrítica (muitas vezes, não se sabe sequer o solo em que se está pisando, mas continua-se: “bola pra frente”!) leva a consequências sérias. Nem sequer questionamos seriamente as razões de nossa quase insignificância prática... este talvez seja o primeiro passo para que não sejamos simplesmente cômicos. Se este questionamento não aparece de modo sério, os jargões substituem a análise de realidade, o debate marxista vira simples clubismo e a compreensão da obra de Marx, na melhor das hipóteses, coloca-se como uma questão meramente escolástica. Certamente, enunciar um problema não é o mesmo que resolvê-lo; porém, é preciso, com autocrítica, assumir os problemas de uma época em sua real tessitura. Se é verdade que a humanidade somente coloca a si mesma problemas que pode resolver, igualmente verdadeiro é que tal resolução demanda muito de nós.

Uma coisa é séria: damos passos largos à farsa no campo da teoria. Os marxistas do século XX, que por vezes beiraram certo sincretismo, procuraram ler Marx por meio de Kant (austromarxistas, Colleti), de Hegel (Lukács de *História e consciência de classe* e os frankfurtianos), por Heidegger (Marcuse) e Husserl (Karel Kosík), Spinoza (Althusser), entre outros. Fizeram-no em meio aos conflitos teóricos de uma tradição que parecia mais do que nunca ser uma força material junto ao movimento dos trabalhadores. Não raro, tentaram

complementar Marx devido a supostas insuficiências de seu pensamento. Mesmo que seja possível questionar tais insuficiências, este não é nosso ponto, aqui; cabe destacar somente que, hoje, a questão se coloca de outro modo. De modo muito pior.

Para iniciar, parece haver certa tentativa de revigorar o stalinismo. Em um momento em que a especificidade do capitalismo e das formações sociais precisa ser compreendida com todo o cuidado, procura-se ressuscitar justamente a tradição que é mais cega a isto. Não debatarei os meandros da questão, ou as tentativas supostamente historiográficas de combater tal “lenda negra”... mas comparar uma biografia como a de I. Deutscher, por exemplo, àqueles que procuraram recentemente retirar Stálin do ostracismo é de uma covardia gigantesca. Deste modo, é preciso falar daqueles que se contrapõem ao stalinismo ou que procuram complementar suas “insuficiências”. Aqui, a farsa já está consumada: em vez de se tomar como referência as insuficiências de Marx, toma-se Stálin como ponto de partida.

Continuemos, pois. Voltamo-nos àqueles que se opõem ao stalinismo.

Não raro, fora de poucos círculos, ou uma leitura atenta de Marx é vista como purista, de modo que nem sequer se busca compreender o autor que dá nome a uma tradição, ou tal leitura é vista como um exercício simplesmente filológico (basta pensar em algumas declarações de certos membros da MEGA2, como bem alertou entre nós Maurício Vieira Martins); em esquerdas marxizantes, são imputados diversos temas contemporâneos, e nem sempre bem colocados, ao pensamento do autor. Deste modo, Marx aparece como culpado por não ter tratado daquilo que se coloca em nosso capitalismo senil como, de imediato e na superfície, fundamental. Não seria a anatomia do homem a fornecer uma das chaves à anatomia do macaco; a anatomia de um corpo putrefato é tomada como referência e procura colocar-se como *A chave do presente*; e, deste modo, a presentificação sem qualquer mediação tende a marcar inúmeras hermenêuticas da imputação. Assim, seria preciso complementar Marx não mais com grandes autores da filosofia – já que eles seriam todos homens, brancos, europeus, sendo preciso um pensamento realmente decolonial, não eurocêntrico, não heteronormativo etc. –, mas a partir do mercado de ideias que marca a imediatidade das lutas sociais.

Os campos em que se deveria beber são muitos: as redes sociais, as lideranças de movimentos sociais, que são marcadas por um antimarxismo e antissocialismo gritantes, e, no limite, quaisquer autores e autoras que pareçam cumprir uma função crítica diante dos adversários teóricos. E, assim, de repente, parece não haver o que apreender objetivamente no pensamento de Marx, no marxismo e na própria realidade.

Parece tratar-se de marcar posição, de modo que a complementação do marxismo se aproxima bruscamente de uma forma de nominalismo muito perigosa: o essencial não é mais a apreensão da realidade – que permite que



possamos operar em meio às possibilidades e contradições desta –, mas a contraposição aos inimigos práticos e teóricos. O taticismo que era típico do stalinismo reaparece, com igual cegueira, com menos destaque e importância, de modo igualmente caricato, mas com outra face. Para marcar posição, parece que a própria ciência é um adversário... parece que não só colocações sérias sobre a estratégia socialista são deixadas de lado: a própria objetividade do real o é. E, assim, fica-se refém daquilo que imediatamente se combate. Lemas do mercado de ideias mencionado, ligados por jargões, operam de modo que marca posição, certamente. Por vezes, os pontos de vista são até mesmo acertados; porém, compreende-se pouco ou nada da realidade e, assim, transformá-la é cada vez mais difícil.

Também por isto, no campo da prática, não caminhamos muito bem, já que nem sequer conseguimos compreender a especificidade do capitalismo em que vivemos.

Muitas vezes, não reconhecemos derrotas avassaladoras que a classe trabalhadora sofreu. E, por isto, é preciso que a crítica e a autocrítica – que são o mínimo que se espera daqueles que pretendem contestar substancialmente um modo de produção – voltem a ser levadas a sério. Se não queremos ser um pastiche ridículo, precisamos enterrar os mortos. Com isto, pode-se reconhecer nossas derrotas para que, então, as possibilidades do presente possam ser compreendidas. Assim, as tarefas colocadas por Engels talvez possam ter uma função ativa hoje. O que somente faz algum sentido se conseguirmos explicar primeiramente as razões da falência do projeto socialista no século XX, as derrotas que presenciamos no século XXI e, é claro, a relação entre as leis imanentes do modo de produção capitalista e a figura atual deste sistema de produção. Se não o fizemos, no melhor dos casos, seremos o pastiche e a versão farsesca da esquerda do século XX. Não basta a vontade para reverter tal situação, sendo preciso compreender as próprias questões que estão colocadas ao presente. Se este número da *Verinotio* ajudar minimamente para isto, acredito que terá sido dado um de muitos passos necessários.

Como citar:

SARTORI, Vitor B. Editorial. *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, Rio das Ostras, v. 26, n. 2, pp. 7-15, jul./dez. 2020.